

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

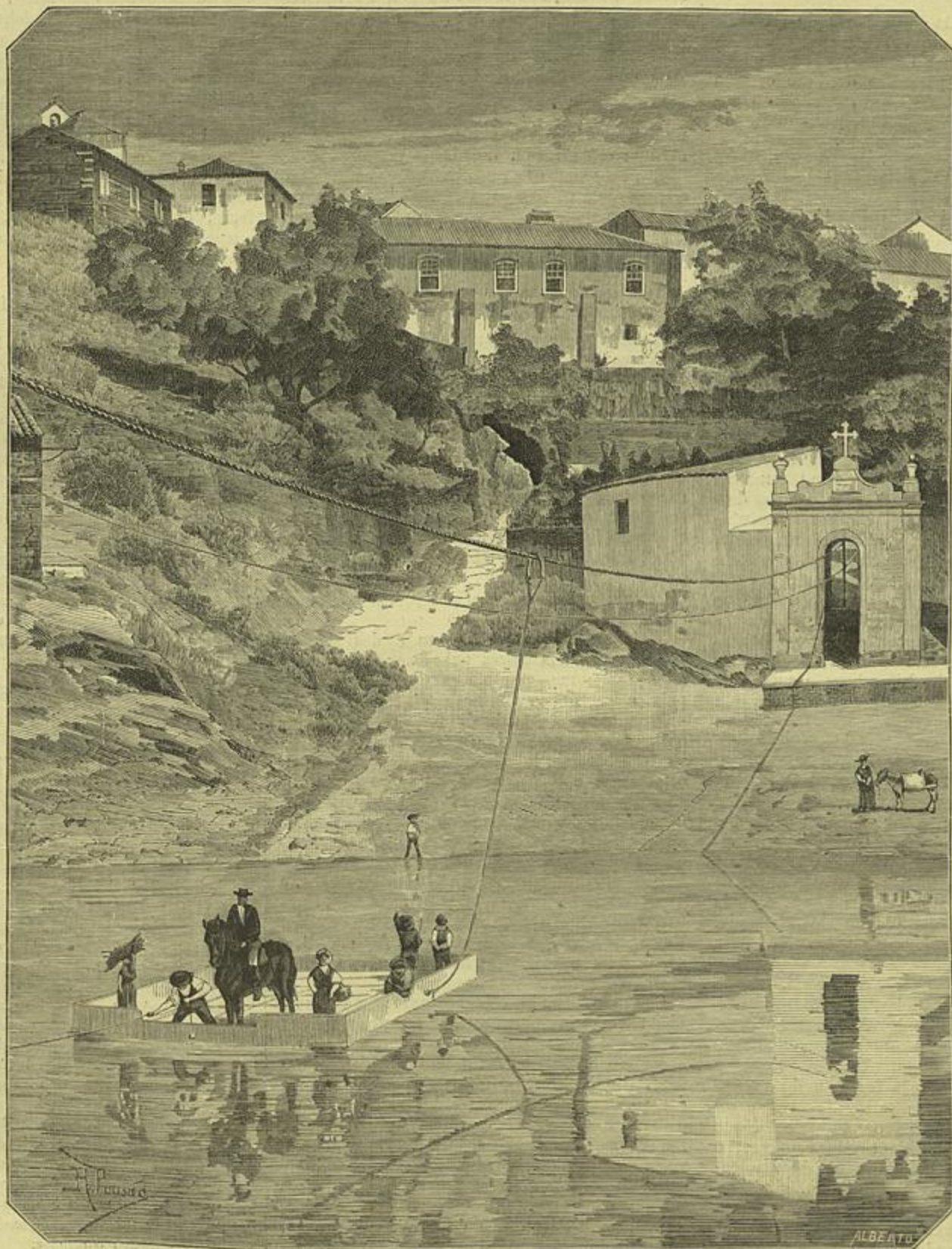
Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 65

1 DE SETEMBRO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



BARCA DO RIO DE ODEMIRA (Desenho do natural por Henrique Pousão)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — D. Luiz de Athaide, BRITO REBELLO — As nossas gravuras — A custodia do convento dos Jeronymos, BRITO REBELLO — Notas soltas, Fr. FRANCISCO de Jesus Christo, JACINTHO PERES — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — A guarda passa, JAYME LE SÉQUIER — Bibliographia.

GRAVURAS. — A barca do rio de Odemira — Exposição da Sociedade promotora de Bellas Artes em Portugal, em 1880, Á tarde, paisagem proximo de Collares, quadro de A. Kell — Quer a sorte? vendedeira de cantellas, quadro de Malhoa — Peniche, igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, corredor onde está o armario em que se guardam os ossos de D. Luiz de Athaide — Cacique ranquelino — Mulher ranquelina — Medalha commemorativa do tricentenario de Camões e do lançamento da pedra fundamental do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro — Enigma.

AOS NOSSOS LEITORES

Por effeito da ida para Paris do sr. Guilherme d'Azevedo a quem a empresa do OCCIDENTE é summamente grata, pela maneira como dirigiu este periodico desde o começo da sua publicação até agora, assume o encargo de director d'esta folha, por convite da empresa, o sr. Gervasio Lobato.

CHRONICA OCCIDENTAL

É antiga usança, quando se toma conta de um jornal, em substituição a um escriptor querido e notavel, fazer-se um extenso e sonoro prologo, em que se celebram em phrases rendilhadas e redondas os altos meritos d'esse escriptor, e se amesquinham com um grande apparatus exagerado de modestia os meritos proprios.

Rompó abertamente com a tradição; não faço o elogio de Guilherme d'Azevedo em periodos sonoros e interminaveis; esse elogio fazem-n'o as saudades que todos os leitores do OCCIDENTE vão ter d'esse espirito encantador, que os deslumbrava todos os quinze dias com as scintillações faiscantes do seu brilhante humorismo, saudades a que a minha prosa será um forte incentivo e uma dolorosa aggravante.

Em quanto Guilherme d'Azevedo faz as suas malas para partir para Paris, nós ficamos a braços com a falta de assumptos e a fartura de febres que ha n'este *abençoado cantinho da Europa*, e temos de á ultima hora o substituir rapidamente nas suas palestras quinzenaes com os leitores do OCCIDENTE.

No fim de contas, aquella phrase *abençoado cantinho da Europa*, que acima sublinhámos, não é uma trivialidade antiga de sedicção rhetorica, como a muita gente parece.

Effectivamente Lisboa é uma das mais sadias e salubres cidades do mundo, embora digam todos os verões o contrario os jornaes da opposição e os folhetinistas sem assumpto.

Lisboa é uma cidade saluberrima, e nada mais facil de demonstrar que esta verdade, que nem todos reconhecem, como acontece a muitas e boas verdades.

Todos os annos apparecem aqui e ali, quando os *caticulares* se aproximam, o sol começa a escalear e a fructa a amadurecer, umas febres, umas doenças rapidas, symptomaticas, que aterram annualmente a população.

Os jornaes da opposição fazem artigos energeticos contra o ministerio, tornando-o responsavel pelos alperches que se comem e o calor que tem o sol; o conselho de saude reune-se, o *Diario do Governo* publica uma ou duas portarias, e acabou-se, nunca se falla mais n'isso.

As febres existiram effectivamente, mas quem as debellou não foram os jornaes da opposição, nem a junta de saude, nem o *Diario do Governo*, foi o clima, o clima que é tão bom, tão fortemente saudavel, que apesar dos governos,

das municipalidades e de toda a população empregarem todos os seus esforços para que Lisboa seja uma chocadoeira de epidemias, não consente que as febres tomem caracter contagioso e deem muito que fazer aos coveiros.

Lisboa tem um grande cemiterio dentro da cidade — uma coisa que a hygiene enxota para longe de todas as capitães populosas; tem uma canalisação idiota, umas casas doentias, uma alimentação deploravel, e apesar d'isso as epidemias são um caso raro n'ella.

E a culpa não é d'estes nem d'aquelles — é de todos.

Lisboa é uma cidade suja, porque toda a população contribue para isso com o seu desmaseo, com a sua ignorancia, com a sua falta de aceio.

Não é preciso ser um higienista para saber que as torneiras de latão ou de bronze são um perigo para a saude. Pois quasi todos os contadores d'agua tem torneiras de latão, e quando os contadores as não tem, os donos da casa mandam pôl-as nos potes. O vinho, o azeite, o vinagre, é todo passado por torneiras de latão. Ha pouco tempo a chuva obrigou-me a recolher uns minutos n'uma tenda dos arredores de Lisboa, onde havia um odre de vinho com uma torneira de bronze.

— Oh! homem, disse eu ao dono da loja, você está a envenenar os seus freguezes com essa torneira.

— Nada, não faz mal nenhum. Só pela manhã, o primeiro vinho que se tira é que vem alguma coisa verde, depois passa.

E o taberneiro envenenava todas as manhãs com verde os desgraçados que tinham a fatalidade de ser os primeiros a comprar vinho.

E como este muitos, quasi todos, fóra das portas e dentro d'ellas.

Muito do pão que nós todos comemos é fabricado com agua de poços, e ninguem trata de se importar com isso.

A carne vem para casa embrulhada em jornaes: as letras pretas ficam impressas n'ella, e muitas vezes comemos *beefs* com artigos de fundo, o que é muito prejudicial para o estomago... e tambem para o espirito.

Ora depois de tudo isto, depois de nas casas da baixa os barris do lixo só se despejarem de tres em tres dias, da canalisação dos predios ser toda de barro em vez de grès, porque é mais barato para os senhorios, da agua ser um elemento desconhecido a muitas familias da capital, digam-me se é ou não preciso, que Lisboa seja a cidade mais saudavel da Europa, para que as epidemias não sejam o pão nosso quotidiano

— As atenções do governo e dos jornaes afastaram-se das febres paludosas, para outra doença não menos perigosa que ha no nosso paiz, e que o torna muito mais insalubre — a politica. As eleições do dia 3 de setembro preoccupam immensamente, mas tambem exclusivamente, os seus interessados: — os candidatos, o governo, e todos aquelles que com as eleições tem interesses mais ou menos illegaes. O paiz importa-se pouco com isto, e a razão é simples. Os partidos em Portugal não são como os partidos em França, em Inglaterra, na Allemanha, que representam idéas diferentes, e que quando qualquer d'elles triumphha ha sempre uma idéa e uma politica triumphantes. Em Lisboa pôde triumphar o sr. A. o sr. B. o sr. C. que a idéa que triumphha é sempre a mesma.

Os nossos partidos representam todos a mesma idéa: a politica portugueza é sempre a mesma peça, representada por varios actores. É o *Trovador* em S. Carlos. Ante-hontem a bruxa era a sr.^a Rossi, hontem foi a sr.^a Biancolini, hoje é a sr.^a Fricci, amanhã será a sr.^a X; com a differença que as companhias são muito menos variadas e que a nação, á falta de pessoal, vê-se obrigada amiudadas vezes a reconduzir os cantores. D'esta nossa politica uniforme, resulta a constante contradança dos renegados. Hoje o sr. F. faz parte do partido do sr. A., amanhã do do sr. B., depois de amanhã do do sr. C. e não corre o alfabeto todo, porque os partidos portuguezes não passam do A.B.C.

E estas passagens fazem-se sem vergonha e sem pudor, e nem ha de que os ter. Quando os partidos tem idéas definidas, os partidarios que os despozam contraem matrimonio legal, que não se abandona sem quebra da difinidade e das leis vigentes de moralidade, os partidos pessoases são casamentos bastardos, deixam-se e abraçam-se com a despreoccupação facil e justificada com que se deixa qualquer ligação illicita, quando começa a ser incommoda. Os partidos politicos com idéas são esposas, sem ellas, são *cocottes*. Nós cá não temos na politica senão *cocottes*.

— Em quanto em torno da urna se agrupam os interessados, o grande resto do publico deixa a cidade pelas praias, e se a não pôde deixar — no que faz muito mal — procura matar o tempo e o calor, refrescando-se e divertindo-se, duas coisas egualmente difficeis na nossa terra.

Refrescos só tem dois, passeiar na Patriarchal ou no Whitoyne, e tomar neve no Ferrari ou no Martinho, o que no fim de contas é um refresco puramente convencional.

A camara municipal, muito sollicita para com os calores dos seus municipes decidiu, fresca e generosamente este anno, dar-lhe gratuitamente como regalia municipal, o Passeio Publico aberto á noite. Mas é original a valer, a camara municipal, de uma originalidade que não incommoda decerto o conselho d'estado, e entendeu que a melhor maneira de regalar o publico com o passeio aberto á noite, é . . . fechalo quotidianamente, muito bem fechado, logo que dão as Ave-Marias.

— Divertimentos tem ainda os Recreios, o theatro e a esplanada. Na esplanada tem fresco, feras, dansarinas hespanholas e vesuvio em erupção. E não se acobardem com esta erupção, que no fim de tudo não aquece nada, é uma erupção modesta, que parece muito mais uma ligeira erupção de pelle, que uma erupção vulcanica.

As feras e as dançarinas parecem-se extraordinariamente, é bom não confundir. As feras são as que tocam, as dançarinas as que não tocam. O concerto de feras foi magnifico, d'uma grande verdade, sobretudo na musica.

No theatro tem os *Trinta milhões de Gladiator*, uma comedia cheia de episodios engraçadissimos, representada maravilhosamente, com uma *verve* irresistivel. E com esta peça e aquelles refrescos já se pôde passar menos mal o verão em Lisboa. Agora as eleições é que vem transtornar tudo, e aggravar pungentemente a situação. Mas que se lhe ha de fazer. No mundo nem tudo são rosas... ha tambem listas, urnas e eleições. O homem não é perfeito, e ninguem está livre n'este valle de lagrimas, de um bello dia anoitecer deputado.

GERVASIO LOBATO.

D. LUIZ DE ATHAIDE

A 9 de março do anno proximo futuro faz trezentos annos que a India viu apagar-se a existencia de um dos homens mais notaveis que Portugal produziu no XVI seculo.

Era D. Luiz de Athaide, o quinto conde de Atouguia, duas vezes vice-rei da India.

Filho do terceiro conde de Atouguia, cedo amanheceu para as armas. Aprendeu na Africa com os mais celebres capitães do tempo. Era então aquella a escola pratica onde se faziam as mais prestantes espadas de Portugal.

Passados annos, tendõ partido para a India, foi ao mar Vermelho com D. Estevão da Gama, e teve a honra de ser armado cavalleiro na igreja de Santa Catharina do Monte Sinai, juntamente com D. Alvaro de Castro, pelas mãos do intrepido e honrado filho do grande Vasco da Gama.

Voltoado ao reino, impaciente de visitar a Europa e sequioso de gloria partiu para Hespanha e d'alli seguiu Carlos V, que então era tido como o capitão mais celebre.

Combatia o imperador os lutheranos da Allemanha, e em todos os recontros e batalhas se achou D. Luiz de Athaide, portando-se com o denodo de um verdadeiro cavalleiro e fidalgo portuguez.

Na batalha d'Almis teve a fortuna de salvar o estandarte imperial de que os inimigos se iam apoderando. Honrado

por Carlos V, que tinha em grande conta todos os conterraneos da imperatriz sua esposa, e coberto de gloria, regressou pouco depois ao reino.

Terminára por este tempo a menoridade de D. Sebastião, e durante alguns annos durou no paiz uma agitação como que nervosa, que produziam as tendencias ascetico-guerreiras do moço rei, a sua completa adhesão aos jesuitas, a sua repulsa por todos quantos contradiziam os seus loucos devaneios, incluindo sua avó que o creara como mãe, e seu tio que o amava com extremos de pae.

As intrigas e balanços do reino tinham-se reflectido no Oriente, onde frouxas chegavam as providencias da metropole, e em frouxidões e incertezas librava o nosso vastissimo e sempre disputado imperio.

No meio de erros e mesquinhasias rompe uma acertada idéa. D. Luiz de Athaide é nomeado visor-rei da India a 2 de março de 1568. Parte do Tejo a 7 de abril, chega a 10 de setembro do mesmo anno a Goa, tomando ogo conta do governo.

Reis, rajahs, tanadares e corsarios incommodavam as fronteiras ou infestavam os mares. O visor-rei em poucos mezes esquipa quatro frotas compostas de perto de quarenta navios de diferentes lotações, que despede para diversos pontos sob o commando de quatro capitães. Um, Affonso Pereira de Lacerda, só com o seu aparecimento faz socegar Bataicalá inquieto; Martim Affonso de Miranda e Ayres Telles de Menezes, conservam em respeito toda a costa do Mabalar e os tanadares inquietos: o quarto, D. Jorge de Menezes, o Baroche, partiu a dar caça ao corsario Kanatale, que logo encontrou, atacou, combateu e destruiu com a sua habitual energia e rapidez, sendo recebido em Goa com os devidos applausos e honras.

Visivelmente os negocios da India mudavam. Havia alli uma cabeça segura e um braço vigoroso, que ao mesmo tempo que impunha respeito aos subordinados, reprimia energicamente os inimigos.

Em breve outra esquadra sob o commando de Diogo de Menezes vae fazer guerra ao nosso eterno inimigo o Samorim ou Samudhri — rajah, lhe corta os mantimentos e destroe Millascharan, que era abrigo de seus corsarios.

O forte de Parnel que incommodava Damão é destruido por Alvaro Pires de Tavora e Nuno Velho Pereira commandante d'outra esquadra

O forte de Assari, do commando de André de Villalobos que os rhajahs investem, é descercado pelo auxilio que D. Luiz de Athaide envia.

Onor, cidade nova do Kanará, havia como que zombado do vice-rei D. Antão de Noronha; D. Luiz de Athaide em novembro de 1569 parte de Goa com cento e trinta navios e intima-a que se renda. Recusam os habitantes e resistem; D. Luiz combate-a, entra-a, vence-a, capitulando os moradores, que apenas salvam as vidas.

Deixando na fortaleza Jorge de Moura com duzentos homens, parte D. Luiz para Bracellor. Chega. Vê-se a praia coberta de inimigos; desembarca, varre diante de si essa turba de milhares de homens; investe o forte, entra pela tranqueira e toma-o com a rapidez do raio. Os defensores da cidadella desamparam-n'a, o visor-rei previdente manda-a arrasar, e deixa Pedro Lopes Rebello alli por capitão com duzentos homens. Pouco depois tentando uns rhajahs visinhos expulsar-o, foram por este repellidos, com o que se reconheceu a segurança de vistas do visor-rei.

Emfim os potentados indianos liaram-se e dirigiram contra os portuguezes um ataque simultaneo. Assim o Hidal-kan fez marchar um corpo de exercito contra Goa, cujo cerco começou a 12 de dezembro de 1570, e a 15 apparecia deante de Chaul outro corpo do exercito do rhajah do Nizam.

Pouco depois chegava o grosso das forças, elevando-se estas em Chaul a cento e vinte mil homens de infantaria e cavalleria, doze mil bombardeiros e frecheiros, dezoito mil gastadores, tresentos e sessenta elephantes de guerra e quarenta canhões. Entre os quatro mil officiaes que dirigiam este formidavel exercito havia muitos europeus.

O exercito do Hidal-kan que investiu Goa compunha-se de cento e dez mil homens de infantaria e cavalleria, dois mil elephantes e trezentas e cincoenta peças de artilheria.

D. Luiz de Athaide, como era do seu dever, ficou em Goa. D'alli, com uma vista d'aguia tudo dispunha e ordenava. Aqui se repelia o inimigo, alli se destruiam as maquinas e ingenhos que este levantava, em outro ponto saíam a atacal-o nos seus proprios arraiaes. O vice-rei estava onde mais se fazia mister. Agora expedia soccorros para Onor, logo para Chaul, onde apezar de alguns successos desastrosos, como outrora em Diu, os inimigos soffriam a mesma sorte que em Goa.

Havia mais de seis mezes que duravam os assedios, quando a 29 de junho de 1571 um ataque geral é dirigido

sobre Chaul; esta praça que havia recebido varios soccorros, repelle os inimigos em desborato e desordem. O rhajah do Nizam descorçoado pede a paz, que o vice-rei concede, assignando-se o tratado a 24 de julho.

O Hidal-kan, a quem succedera outro tanto deante de Goa, levanta o cerco e segue o mesmo caminho. D. Luiz de Athaide para o punir demora os preliminares da paz, até que a 7 de setembro entrega o governo ao seu successor que a veiu concluir.

D. Luiz de Athaide não attendera só á guerra. A justiça, a administração publica, a questão da moeda, tudo viu, tudo melhorou, tudo conduziu ao verdadeiro caminho, e deixou a India rejuvenescida, prospera, segura e respeitada. As antigas virtudes renasceram ao seu sopro heroico; os feitos gloriosos desde a Arabia até á China deram novo lustre ao nome portuguez.

A 6 de janeiro de 1572 embarcou D. Luiz de Athaide para o reino chegando ao Tejo a 3 de julho. A 20 fez a sua entrada solemne que o moço rei D. Sebastião quiz que fosse brilhantissima.

Debaixo do pallio, dando-lhe el-rei a direita, seguiu da sé até S. Domingos, onde se cantou o *Te Deum* pelas suas victorias.

O entusiasmado mancebo não se fartava de admirar D. Luiz de Athaide, ardendo em seu peito o desejo de o imitar e sobrepujar.

Os sonhos de gloria do real mancebo, tomavam corpo ao ouvir as victorias do seu logar tenente na India.

Retirado D. Luiz de Athaide ao descanso do seu lar, viu fallecer sem successão seu irmão mais velho, o quarto conde de Atouguia, revertendo-lhe por isso a elle a successão do titulo e casa.

Tendo-se conservado sempre estranho e sobranceiro ás intrigas da côrte, deu sempre o seu voto com o desassombro e desprendimento proprio da sua grande alma.

Consultado por el-rei acerca da jornada d'Africa, manifestou-se contra ella, como D. Jeronymo Osorio, como Martim Affonso de Sousa, como todos os homens fortes, mas prudentes e avisados.

Convidado emfim por D. Sebastião para commandar o exercito, escusou-se delicadamente, do que el-rei não desgostaria, porque este convite era apenas um acto de deferencia para com o grande capitão, e o rei ficava assim com a plena liberdade de commando.

Para corar porém a especie de desgurado d'el-rei por D. Luiz de Athaide, foi este outra vez nomeado vizo-rei da India.

Havia cinco annos que D. Luiz de Athaide chegára ao reino quando a 16 de outubro de 1577 partiu de novo do Tejo para a India.

(Continua)

BRITO REBELLO.

AS NOSSAS GRAVURAS

BARCA DO RIO DE ODEMIRA

Odemira villa do Alemtejo, districto de Beja, é uma povoação antiquissima, que data do tempo dos arabes, senão dos romanos, e que D. Affonso Henriques tomou aos mouros em 1166. O primeiro foral foi-lhe dado por D. Affonso III em Lisboa, a 28 de março de 1256.

A villa recebe o nome do rio que a banha — Odemira, que é corrupção do arabe Wad Emir, rio do Emir.

O povo da terra dá differente etymologia ao seu nome, e cria em torno d'elle uma lenda. Conta-se que quando os christãos em 1166 atacaram o forte castello da povoação — hoje transformado em cemiterio publico — a mulher do alcaide mouro chamado Ode, vendo aproximar-se o exercito de D. Affonso Henriques, gritara — Ode mira! e que d'ahi os portuguezes que ouviram este grito o tomaram para nome da terra.

Odemira tem 2 freguezias e 750 fogos segundo as ultimas estatisticas. A villa assenta na falda e encosta de tres serros, e é cercada de N. a S. e E. a O. por uma serra que termina a um kilometro a O. onde então principiam 35 kilometros de charneca, em muitos sitios despovoada, que se estendem até ao mar.

Em baixo corre o rio Odemira, que nasce na serra do Caldeirão, no sitio chamado Carvalhetes, ao S. de Almodovar e que tem um curso de 30 kilometros.

Desde Carvalhetes até á Torrinhã, Odemira é ribeira, e só d'ahi para diante é que é rio.

Até á Torrinhã, as nascentes seccam de verão: d'ahi para o mar, o rio é de curso arrebatado e muito abundante em peixe.

Logo á saída da villa, direcção da estrada de S. Theotónio ha uma barca em fórma de estrada, que a nossa gravura

representa. Uma senhora da villa ao vêr os perigos que offerencia a passagem do rio, muito caudaloso no inverno e só vadiavel nos mezes de verão e ainda assim em poucos sitios e apenas no baixamar, propoz á camara a criação d'uma barca a expensas suas, legando do seu patrimonio bens para o costeiro permanente da barca, que dá a toda a hora do dia e da noite, passagem livre e gratuita, sendo apenas os passageiros obrigados a resar um Padre Nosso e uma Ave Maria por alma da instituidora da barca.

Na frente do arco d'alvenaria onde está o cabrestante que enrola a maroma da barca ha uma lapide com esta inscripção:

HUM PADRE NOSSO E HUMA AVE MARIA
PELA ALMA DE QUEM DEIXOU ESTA BARCA.
MANDOU FAZER ESTE PADRÃO O DOUTOR JOÃO
DA ROCHA PINTO, PROVEDOR DA COMARCA
DE BEJA, EM 1672

A barca é quadrada, e a nossa estampa representa-a com um dos sarilhos, fechados a cadeado, onde está presa a maroma, que anda segura á barca por uma corda de linho com um arco de madeira que a faz correr melhor.

Não se sabe ao certo a data da instituição d'esta barca, mas n'uma provisão de D. Filippe de 30 de novembro de 1626 já se falla n'ella.

O barqueiro é obrigado a morar n'umas casas juntas á ermida de N. S. da Piedade, e tem 12\$000 réis d'ordenado e 15 alqueires de trigo.

Uma nota curiosa. O barqueiro só é obrigado a puchar a barca quando atravessa n'ella alguma pessoa notavel da villa: os demais passageiros pucham-n'a elles mesmos.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

À TARDE

Paisagem proximo de Colares

Um finissimo sentimento do effeito pittoresco e uma rara destreza no manejo do processo material são as qualidades dominantes do talento do sr. Alfredo Keil, que entre nós é um dos representantes da escola pittoresca como os srs. Andrade e Silva Porto representam as diversas feições da escola realista. Uma excessiva preocupação de estylo e uma preferencia decidida pelas harmonias sabias arrastam o artista ás vezes a uma certa artificialidade de colorido. São estes os seus defeitos, defeitos aliás communs á escola em que está filiado. Cumpre todavia dizer que o moço pintor vae modificando de dia para dia o seu estylo e em quasi todas as suas télas pequenas nas exposições d'este anno se observa uma tendencia a entregar-se mais á impressão espontanea do natural.

QUER A SORTE?

O quadro que o OCCIDENTE hoje reproduz com este titulo, é para assim dizer a estreia do sr. Malhoa e não hesitamos em affirmar que é uma estreia auspiciosa. No novo pintor accentuam-se já duas qualidades importantissimas — a tendencia para a côr, e a maneira larga e franca de entender o natural.

Quando o seu desenho, por ora tímido, tiver adquirido a firmeza que só o tempo e o uso dão, o paiz contará no numero dos seus artistas mais um paisagista distincto.

MEDALHA COMMEMORATIVA DO TRICENTENARIO DE CAMÕES, E DO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFÍCIO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO

O Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro não se limitou só á bella publicação dos *Lusiadas*, de que demos conta no nosso ultimo numero, tambem mandou cunhar uma medalha commemorativa do centenario de Camões, que a nossa gravura reproduz o que nos forra a descrevel-a e que ao mesmo tempo celebra a collocção da pedra fundamental do novo edificio para accommodação d'aquelle estabelecimento.

D'esta medalha tiraram-se exemplares em cobre de que nos foi offerecido um que agradecemos, e sabemos que na galeria d'el-rei o sr. D. Luiz, na Ajuda, ha um exemplar em oiro.

É mais uma demonstração da importancia e patriotismo d'aquella benemerita associação. Está bem gravada, mas infelizmente o desenho é assaz incorrecto.



A TARDE, PAISAGEM PROXIMO DE COLLARES — Quadro de Alfredo Keil (segundo desenho do mesmo, autor)

A CUSTODIA

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL EM 1886

DO
CONVENTO DOS JERONYMOS

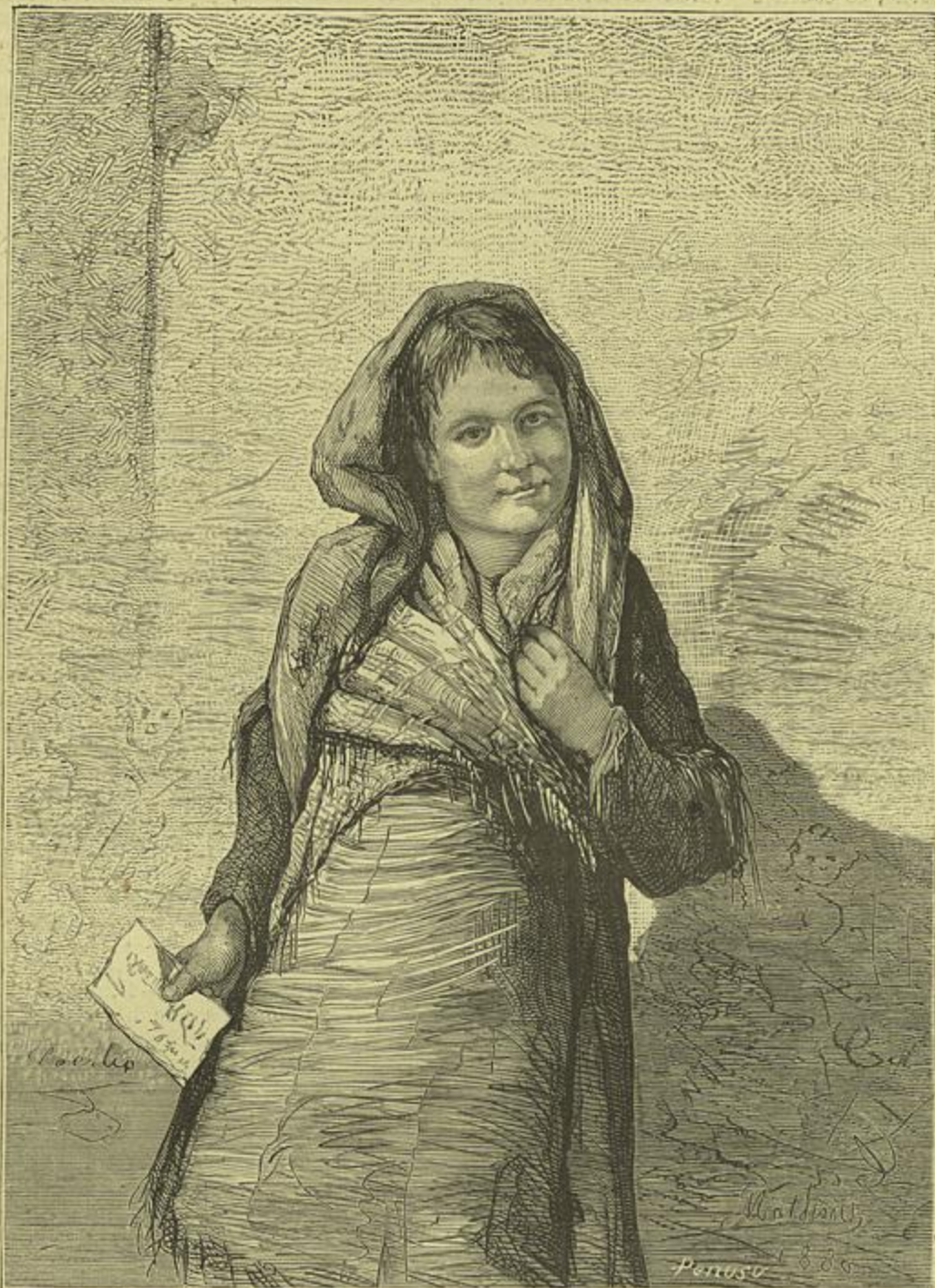
I

A CUSTODIA

Distinguem-se n'ella tres partes: o pé, o corpo e a cupula ou coroamento. O pé, de um desenho caprichoso, compõe-se de uma base de figura proximamente hexagonal, mais extensa no sentido da largura da custodia, e cujos lados deseguaes, mas alternadamente symetricos, são contornados em curvas graciosas. Reveste-os uma chapa onde em letras maiusculas de esmalte branco tem a inscripção que adiante se lerá. A sua haste, formada de uma especie de fuste hexagonal, tem um corpo sacado, a meio da altura, ornado em cada face de uma esphera em alto relevo, divisa do monarcha.

Sobre o pé ergue-se o corpo da custodia composto de uma larga base sustida por dois troncos graciosamente lançados. De cada lado levantam-se duas altas peças, rematando em coruchens, divididas na sua altura em varios compartimentos regulares, como nichos, sobremontados por baldaquins graciosos, nos quaes nichos se deparam varias estatuetas de anjos tocando instrumentos.

Entre estas peças, logo na base, e onde o corpo da custodia assenta sobre o pé, veem-se ajoelhados em sendas pe-



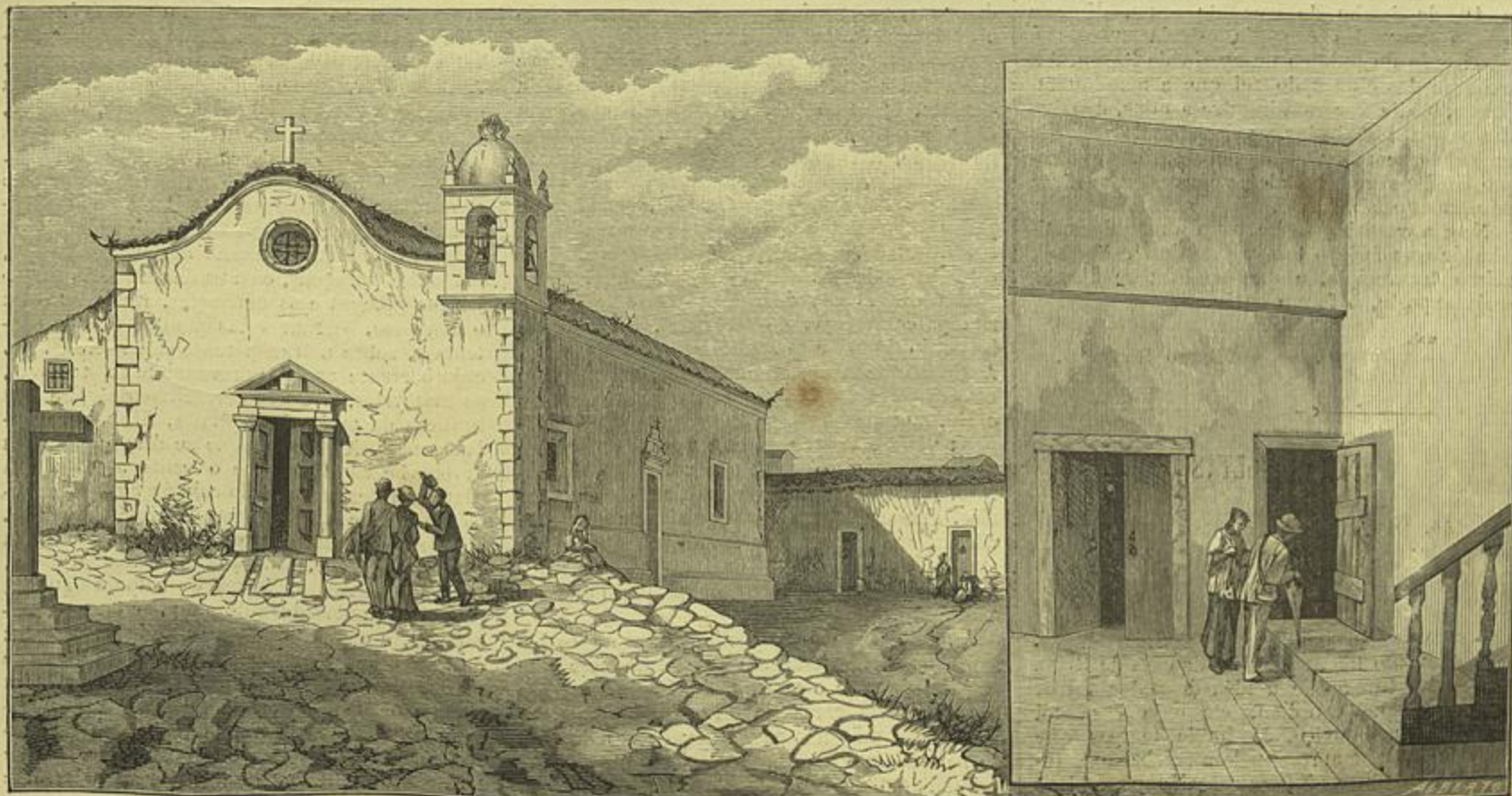
QUER A SORTE? — VENDEDEIRA DE CAUTELLAS — Quadro de Malhoa (Desenho do mesmo auctor).

nhas ou genuflectorios e dispostos circularmente os apóstolos em posições artisticas, rosto e mãos erguidas em adoração. Por sobre elles a meio d'este templosinho, vê-se a luneta, á qual serve de corôa uma especie de docel, ornado superiormente de serafins, e que está collocado por baixo da cupula.

Está formada de varios corpos, toda lavrada e ornada no mesmo estylo, é encimada por uma elegante cruz. Dentro d'ella e na parte mais elevada descobre-se um busto coroadado, maior que o das outras estatuetas, representando o Padre Eterno, e em outro compartimento inferior a este, suspensa do alto, parecendo librar-se nas azas, uma pomba, toda de esmalte branco, symbolo do Espirito Santo.

Todos os rendilhados que a gravura deixa perceber são ornados e cobertos de esmalte de todas as côres, formando variado matiz. Os mantos, os instrumentos, os pés, as mãos, os rostos das diversas figuras tem o esmalte adequado.

Tudo é admiravel n'este artefacto, mas nada se compara ao grupo dos apóstolos que é surpreendente, e que nos faz admirar a delicadeza do buril. O manto de cada figura, lançado de diverso modo, é coberto de um determinado esmalte e este incrustado de tenuissimos ornatos de ouro. Poucas vezes se repetem as côres. Quando se vê o avesso do manto, apresenta côr



PENICHE — EGREJA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA — CORREDOR ONDE ESTÁ O ARMARIO EM QUE SE GUARDAM OS OSSOS DE D. LUIZ DE ATHAIDE (Segundo desenhos do natural por o sr. Ribeiro Arthur.) Vidé artigo D. Luiz de Athaide.

diversa. Os rostos, os pés, as mãos dos apóstolos, teem o esmalte côr de carne, os cabellos mostram a côr do ouro.

Bastavam as esferas para nos indicarem qual o monarcha que mandára executar este primôr da arte, e mais esplendida manifestação da ourivesaria portugueza, mas se nos restasse duvida, a verba do testamento de D. Manuel a tiraria, assim como nos revela o nome do grande artista; diz ella, copiada do original:

Iteem, mamdo que se dee ao moesteiro de nosa senhora de beleem A custodia que ffez gil vicemte pera a dita casa e a cruz grande que esta em meu tysouro, que fez o dito gill vicemte, e asy as bryuias escriptas de pena que amdam em minha gardaroupa as quaes sam garneecidas de prata e cubertas de veludo cremesy.

A inscripção do pé da custodia diz-nos a data da sua construcção: *O mrito alto principie e poderoso Senhor Rei Dom Manvel I a mandov fazer do ovo I das pareas de Quilva. Aquabov e cccccvi.* No opusculo do sr. Teixeira d'Aragão *Vasco da Gama e a Villa da Vidigueira*, está a inscripção copiada com todo o rigor, o que não podemos fazer aqui.

Esta inscripção por causa da irregular orthographia, propria d'aquelle seculo, tem dado lugar a enganos notaveis.

É sabido que a custodia figurou na Exposição universal de Pariz de 1867, na secção retrospectiva da arte. Alli causou a mais extraordinaria surpresa, sendo uma revelação da nossa arte, desconhecida quasi na Europa. Foi proclamada como a maravilha da exposição portugueza e talvez de toda a historia do trabalho e Portugal premiado por isso com o primeiro premio. Foi este o veredictum da critica europêa; mas não intendendo um critico francez as palavras *Aquabov* e que na sua errada orthographia quer dizer *acabou-se*, inventou um artista italiano *Aquabov*, que julgou seu auctor. Isto não se daria se tivesse havido cuidado de collocar ao pé da custodia, aquella inscripção em orthographia correctea e traduzida em duas ou tres linguas, e um resumo da historia do artefacto com o nome dos artistas que o planejaram e executaram; e tanto maior foi este descuido, quanto é certo que esta é uma das obras da arte portugueza, cuja origem, data e auctores estão devidamente autenticados. Sabemos que estas indicações estavam no respectivo catalogo, mas isso só não basta, nomeadamente quando se trata de coisas portuguezas.

Por occasião dos grandes festejos e celebração do terceiro centenario de Luiz de Camões, a 10 de junho do corrente anno, disse-se que a magnifica custodia estaria exposta á admiração do publico na igreja de Belem. Ali em face das cinzas do rei que a mandou fabricar, podia ver reunirem-se a ellas, debaixo das mesmas abobadas, os despojos do arrojado nauta a quem fôra entregue o ouro, que o sopro de duas grandes almas converteram n'um monumento admiravel.

Nem a custodia porém, nem a magnifica Biblia de que falla o testamento de D. Manuel, acima transcripto, e que tambem se dissera seria exposta, o foram então.

(Continua.)

BRITO REBELLO.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

II

A conversação com os frades de S. Domingos, cujo convento ficava proximo da casa de Maria Fernandes trouxe-lhe a idéa de poder entrar o filho n'aquella ordem, em cuja casa foi recebido como noviço. Já havia tempos que Nicoláo se tinha apresentado a receber o sacramento da confirmação, em occasião que o bispo

de annel D. Pedro, o administrára. Então levado de certa devoção, segundo elle affirmou, trocára o nome de Nicoláo, pelo de Francisco, com que depois ficou conhecido, e já o temos nomeado.

O seu genio irrequieto, dyscolo, e versatil não o deixou persistir largo tempo no proposito, que havia feito de seguir a vida monastica. Ao fim de tres ou quatro mezes de clausura, abandonou o convento, ou já porque os frades o não podessem mais aturar, ou porque elle não podesse sujeitar-se ás estreitezas do noviciado.

Ficou outra vez Francisco sem occupação. Mas como era vivo, esperto, de imaginação prompta, e animo resolutivo, nada o prendia. Excitava sympathia e interesse em quem o via pela primeira vez, e como já orçava pelos quinze annos, e a maior parte da juventude se ia mar em fóra extenuar o seu vigor, a sua força e as suas aspirações pelos arcaes e sertões de Africa, pelos cruzeiros dos mares da Arabia, Cambaia e Ormuz, ou pelas incertas feitorias e fortalezas d'essas costas, não era difficil encontrar a quem servir.

Os fidalgos de então quer fossem poderosos, quer não, tinham a sua casa sempre composta de um pessoal de pagens, escudeiros e até de cavalleiros alguns, onde facilmente achavam collocação os mancebos que a não tinham.

Um fidalgo africano, que então residia na côrte carecia de um pagem; soube-o Francisco de Leão, apresentou-se-lhe, e foi logo admittido.

Conforme o costume, durou-lhe pouco a constancia nas suas novas e ceremoniacas funções. A obrigação de fazer todos os dias a mesma cousa e ás mesmas horas, com a pautada e regrada etiqueta da fidalguia d'aquella época, não era objecto para prender Francisco de Leão. Em breve sentiu faltar-lhe o ar livre e franco da sua soltura juvenil; achava amarga qualquer confeição ou acepipe, gostado friamente em toalhas de flandres, entre quatro paredes forradas de vetustos pannos de rás, e entrou a suspirar pelas parcas migas de casa de sua mãe, talvez comidas em malgas não vidradas, sobre mantens de estopa, sentado na padieira da porta, ou no balcão da janella. Lembra-lhe dar quatro corridas pelo Rocio, galgar até Santa Anna e desfendar-se pela chapada do monte; descer até o Córte Real ou praça dos Remolares e pascer a vista e a imaginação, avidas de emoções variadas e repetidas, nas caravellas que subiam ou desciam a corrente, na faina dos remeiros e pescadores, nos trabalhos de construcção dos bastos navios que a cada momento enviava ás ondas a ribeira das naus, no bulicio emfim incessante, variado e curioso da vida maritima.

Abandonou portanto a casa do fidalgo. Livre outra vez e sem occupação, divagava por toda a parte, observando tudo, fallando com toda a gente de todas as profissões e habitos, perguntando, indagando, e instruindo-se de tudo miudamente, porque, embora tivesse sempre mostrado negação para a escola, por não se poder submitter a qualquer exercicio regular e continuado, era curioso, amigo de saber, de conhecêr todas as coisas d'este mundo.

Um dia depois de comer com a familia a sua parca refeição do meio dia, foi-se até á beira do Tejo, e por ali andou percorrendo. Ao descair da tarde, quando se achava entregue á contemplação, do espectáculo que apresentava o rio, um pensamento lhe atravessou o espirito: viajar. Regressou a casa communicou o seu pensamento á mãe e aos irmãos. Choraram. Não obstante a sua inquietação e desvarios, Francisco era o primogenito de Maria de Abreu, era o primeiro fructo de seus castos amores, era o tenue rebento da sua mais mimosa e delicada juventude, e portanto querido e mimoso.

Aquelle condão que elle tinha de embelecer os extranhos, era o mesmo com que obtinha da mãe o que queria. Fazia-se no dia seguinte uma caravella de viagem para Cabo Verde, e a mãe não pode negar-lhe a licença de se embarcar n'ella.

Francisco de Leão depois de uns cinco ou

seis annos de vida desvairada, e revolteada por Lisboa e arredores, ia por primeira vez, banhado pelas lagrimas da mãe e irmãos tentar e provar a fortuna dos mares! Deus lhe guie os passos, favonios lhe infunem as vellias.

(Continua.)

JACINTHO PERES.

DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

A tarde está amorosissima. O céu, de um azul puro e transparente, offerece aos olhos um encanto indefinivel, e na natureza reina uma calma, que parece que o mundo dorme ao calor aprazivel e brando dos raios do sol. O silencio que reina na atmosphaera impõe silencio ás nossas boccas, que todas em um momento emmudecem. O proprio vapor como que receia interromper o repouso universal. Só o meu peito bate agitado, porque, ao voltar-me, dou de rosto com um typo hediondo, em que até ali não havia attentado, um verdadeiro bandido!

— Que tienes? me perguntou Behety.

— Repara n'aquella cara alvar, cujos olhos scintillam, debaixo de uns alpendres de carne, como os olhos de uma serpente!

— Lo conozco. Es un italiano, un pillo, un asesino...

— Pois alli tens o retrato fiel do protogonista da historia que hontem te contei... Mas, deixemos idéas tristes. Já passámos Martin Garcia?

— La historica isla de Martin Garcia, el guardian de los padres del Plata?! Por supuesto! Ya navegamos el Paraná.

— Mira, acudiu Santiago Estrada: estas islas que hasta hace poco tiempo, eran reputadas inhospitalarias é inútiles, son hoy, merced al esfuerzo del hombre, una fuente de riqueza para Buenos Aires. En el fondo de sus selvas virgenes, guarida del tigre en época no remota, existen maderas de construccion y frutales excelentes que se utilizan y esportan en grande escala. La tierra es apta para la agricultura y la jardineria. Los tubérculos alimenticios y las flores se propagan con una fecundidad increíble. En ellas existen magnificos viveros y sembrados de gran importancia.

— É realmente um quadro encantador!

A laranjeira, o salgueiro, o álamo e a ceiba crescem livremente e ostentam proporções que fazem pensar na existencia de familias gigantes entre as especies conhecidas nas cidades. A flor do ar, fructo delicado de uma parasita que vive agarrada áquellas arvores, e a lua, branca e perfumada, entrelaçam-se nas copas dos graciosos povoadores d'aquelle territorio. Na estação das flores e das fructas, o Delta do Paraná traz á imaginação a America que Colombo descreve no seu diario de viagem. Os salgueiros e álamos de uma margem juntam-se, em certas paragens, com os da outra. As laranjas, os pecegos e os marmelos, inclinam, com o seu peso, os ramos das plantas que os sustentam, sobre a transparente superficie do rio, cuja corrente arrasta suavemente os *azahares*, os martyrios, as flores vermelhas da ceiba e as brancas da mysteriosa planta, filha do ar embalsamado. As fructas que se desprendem das arvores e as flores que o vento arranca das plantas, interrompem, ao cair na agua adormecida, o poetico silencio que domina a soledade. Milhares de caladas avesinhas revolteam nas margens do rio, sulcado por patos brancos. Quando passam as horas do calor e aquelles passaros, mudos durante o dia, se tornam palradores, e o mergulhador se aloja nos ilhotes de aromaticos nenuphars, e as flores da tarde principiam a abrir os seus calices, e a brisa começa a sua melodia de rumores, e o sol desaparece na espessura da fronde, o espirito reconcentra-se, a alma crê ouvir a benção que fecunda os germens que encerram a terra, a

semente e a arvore. N'esse instante devem celebrar-se as nupcias da natureza com o sol que se occulta detraz das cortinas do seu vaporoso thalamo. . . E a noite acode a velar com suas sombras o placido somno dos esposos, ou a accender o fanal da lua para que alumie com pallida luz os desposorios da mãe terra com o rei dos astros.

(Continua)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

A GUARDA PASSA!

(A FORTUNATO DA FONSECA)

Ao romper d'alva vieram acordar-me em sobresalto. Ouvi grandes pancadas á porta do meu quarto, fiz á pressa uma *toilette* summaria e, habituado áquellas visitas matutinas, dentro em poucos minutos achava-me prompto para sair. Na rua encontrei o camarada do general, um velho ainda robusto, grisalho, com os olhos inchados de lagrimas. Segurava pelas redeas dois cavallos arquejantes, brancos de espuma. Sem perder tempo em perguntas ociosas, montei n'um d'elles, o velho fez o mesmo, e partimos á desfilada. Adivinhava já vagamente o que havia acontecido.

A manhã estava deliciosa e calma. O oriente inflammava-se já. Pelas ruas ia uma animação singular e inusitada, soldados passavam a correr, uma corneta intimava a alvorada com uma voz metallica e brutal. No relógio da torre da sé deram gravemente quatro horas. Em breve saímos da cidade e galopamos pela estrada á redea solta.

Então busquei informar-me do que se passára e o velho militar respondeu-me com a voz entrecortada de soluços. O general sentira-se afflicto de noite, chamara por elle com voz quasi indistincta. Como tinha o somno leve acudira logo e virá-o muito pallido, com os labios a tremer, o pulso fraquissimo e os pés gelados quasi. A sobrinha acudira tambem e elle montára a cavallo e viera buscar-me, mas sem esperanza já. O seu commandante tinha oitenta annos, estava exausto de forças e de vontade de viver, e a morte viera decerto buscar-o n'aquella noite tranquilla de verão.

A estrada, direita durante trezentos metros, volta de subito á esquerda n'um cotovello brusco. Quando passámos alem, avistámos logo o povoado, um pequeno grupo de casinhas brancas que se erguia como um ramo de camelias, dominando a estrada. No horizonte faiscavam já raios de um vermelho vivo, os campos em redor acordavam e pelo arvoredo ia uma chilreada deliciosa. Uma aragem fresca e viva borboleteava pela folhagem, impregnando-se dos aromas vivos do campo, dos cheiros acres das plantas silvestres. Ao longe a cidade esbatia-se no horizonte com a sua agglomeração de casaria branca, um nevoeiro pairando sobre os telhados, e as duas torres altas e esguias da sé, immoveis, destacando. O sol cujo disco rompera de subito no oriente, crivava aquella nevoa de flechas de ouro que ressaltavam de encontro aos vidros n'um espelhamento magnifico e desfazia-a em farrapos que fluctuavam depois, dispersos, informes, como pedaços de mousselina branca, ao sabor do vento. Para além do povoado, a um kilometro talvez, dois outeiros muito proximos erguiam a sua massa escura e coberta de arvoredo e a estrada que se estendia adiante de nós como uma fita ondulante, precipitava-se entre elles e desaparecia para sempre.

Minutos depois parámos á porta da pequena casa do general. Abriram-nos logo a porta, subimos rapidamente a escada estreita e entramos no quarto do doente. Um olhar me bastou para me convencer da inutilidade de todos os esforços. Estava sentado n'uma grande poltrona, os braços descaídos, os olhos perdidos n'uma contemplação vaga, o nariz afilado e uma pallidez macilenta e lugubre espalhada por todo o rosto. Quando eu entrei, virou lentamente o rosto e dos seus labios já

meio gelados exhalaram-se como um suspiro tenue estas palavras: — Ah! doutor!

A Magdalena, a sobrinha, uma rapariga loira, branca e franzina, interrogava-me ansiosamente com o olhar e duas grossas lagrimas corriam-lhe pelas faces, deixando na sua passagem um sulco humido e luminoso. Tomei o pulso ao doente. Mal se sentia. Um rapido exame permittiu convencer-me de que em poucas horas aquelle pobre corpo coberto de cicatrizes, exausto de fadigas e de velhice iria descansar no somno eterno e o meu olhar involuntariamente foi de uma cruel eloquencia ao cruzar-se com o da pobre rapariga. Ella então deixou cair os braços ao longo do corpo n'uma attitude de horrivel desalento e ficou hirta, immovel, com os olhos fixos n'aquelle rosto cada vez mais pallido.

A um canto o velho soldado que me fôra chamar, chorava, mordendo um lenço para abafar os soluços que lhe despedaçavam o peito. E os raios do dia que entravam pelos vidros da janella vinham cantar com indifferença a sua canção de vida, de trabalho, de mocidade, n'aquelle quarto sombrio de agonizante. Um Christo de marfim suspenso sobre o leito espalhava pelo ar a sua larga benção.

Quando se sentira afflicto, o velho general teimara em passar para a grande poltrona onde jazia agora. Com o seu orgulho de velho guerreiro, já que o destino não lhe dera a morte ambicionada, com uma bala no peito, em pleno dia, ao ar livre, entre as fanfarras da victoria e os gritos das descargas, não queria morrer agora estirado no seu leito de invalido, como um coneço frascario e gordo. Pedira pois á sobrinha e ao velho soldado, antigo companheiro de campanha, aquelle favor derradeiro, e agora alli na sua querida poltrona, os olhos voltados para o sol nascente, esperava tranquillamente a morte, que elle vira tantas vezes nos campos de batalha e com quem tinha já uma sinistra familiaridade — disposto a acolhela com um sorriso e a dizer-lhe alegremente: — Bemvinda!

A modorra tranquilla e doce em que elle caíra era um prenuncio pouco favoravel. Procurei reanimar-o com algumas gotas de cordal. Um ligeiro rubor assumou-lhe por instantes ás faces, os olhos tiveram um rapido clarão fugitivo e pelos labios entreabertos passaram sons confusos, inarticulados. Mas pouco depois a respiração tornou-se-lhe angustiosa, agitou-se na poltrona, estendeu as mãos como para repellar um espectro invisivel e murmurou distinctamente: — Ar! ar! Abrimos de par em par a janella, fizemos rodar até lá a poltrona e um jorro de ar puro e vivo veio banhar aquella pobre fronte moribunda. Então nos labios esboçou-se-lhe um sorriso, os olhos entreabriram-se e uma expressão ineffavel de consolação e de jubilo se lhe espalhou pelo rosto. O seu ultimo desejo de agonizante fôra realisado. Morria á luz do sol.

Este erguera-se entretanto victoriosamente. O rio ao largo tinha fulgurações de metal em fusão. O ar era transparente e purissimo e toda a vasta paisagem se alagava n'aquella inundação de alvorada. A neblina fugira em debandada da cidade e refugiara-se no pincaro dos outeiros, onde se enrolava como um veu fluctuante de noiva. Pela estrada fóra, até o desfiladeiro, uma toalha de luz estendia-se monotonamente, mosqueada apenas aqui e acolá pelas manchas escuras do arvoredo e ao longo dos taludes as piteiras estendiam as suas largas folhas baças e hostis como laminas de metal oxidado, mas em toda a planicie a vegetação era frouxa e debil sob aquelle sol vermelho de julho, nascido havia meia hora apenas e já com claridades e ardores de zenith.

Momentos antes, da cidade que ao longe recortava no azul do ceu a linha irregular dos seus telhados e das suas chaminés fumegantes, vinham a espaços rumores indistinctos e vagos. Pouco e pouco esses rumores accentuaram-se e notas vivas, marciaes, picaram ao largo o silencio. No pequeno povoado já as haviam sentido tambem. Umás após outras foram-se abrindo as janellas que dominavam a

estrada e cabeças curiosas appareceram, interrogando o horizonte,

Entretanto o ruido foi augmentando, como que disciplinando-se, obedecendo a um rythmo, vibrando já pelo valle e de subito, no cotovello da estrada a duzentos passos uma linha de homens armados, com longas barbas, appareceu, marchando a compasso e o estridor de uma musica marcial retumbou pelos ares.

Quando as primeiras notas entraram pelo quarto dentro alegres, vibrantes como um bando de pardaes, o velho general estremeceu ligeiramente, agitando-se na poltrona.

Depois quando o rythmo animado e festivo da marcha se desenhou nitidamente, elle virou-se na cadeira com um sobresalto brusco, lançou-me um olhar de supplica, as suas mãos procuraram avidamente as minhas, ao passo que o seu pobre corpo de agonizante tentava erguer-se n'um impulso supremo. Então fiz um signal ao velho camarada. Erguemol-o, segurando-o por baixo dos braços, e aproximamol-o da janella. A cabeça descahia-lhe para o peito, mas, por um esforço derradeiro, conseguiu levantar-a um pouco. Então o seu olhar alongou-se pela estrada, e ao descobrir a cem passos a vanguarda do regimento, os olhos scintillaram-lhe de alegria. O acaso trouxera aos seus ultimos momentos a visão gloriosa do passado. O regimento em que elle subira todos os postos, que tanto tempo commandara, vinha saudar pela ultima vez o seu velho coronel moribundo.

Entretanto a linha regular dos portamachados vinha avançando solemne e pausadamente, e os sons festivos e marciaes da banda espalhavam-se em ondas pelas campinas, vibravam pelos alcantis, estrondeavam pelos valles, batiam de encontro aos outeiros, ricochetavam n'uma resonancia brutal, tocando alegremente pela planicie uma alvorada retumbante e sonora, lançando a sua voz de cobre a todos os eccos, fazendo pelo ar uma orgia metallica e infrene, entrecruzando-se como os jactos luminosos dos jogos de agua e caindo depois sobre o solo em cachos de notas de trompas, de pifanos e de clarins.

O velho general escutava em extase aquelle estampido, aproximar-se n'um crescendo victorioso e irresistivel. A vanguarda dos portamachados passava já na estrada em frente do povoado. Iam serenos, pacificos e enormes, com as suas barbas até á cinta, os aventaes de coiro, as barretinas poderosas, de meio metro de altura, e as espingardas cruzadas atraz das costas. Na frente caminhava com pompa o tambor-mór, com a farda cheia de bordados, brandindo o bastão. Uns passos atraz da banda do regimento, o coronel, antigo companheiro de armas do general, cavalgava o seu ginete branco e empunhava a espada nua. O general reconheceu-o logo, e as suas mãos tremulas estenderam-se para elle. O coronel parou um momento, immobilizado pela surpresa, ao ver aquella estranha figura de velho, com os longos cabellos brancos fluctuando ao vento, amparado por dois homens, estender-lhe os braços como n'um adeus supremo. Depois comprehendeu tudo, os seus olhos baixaram-se melan-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Honras officiaes não escondem desdouros.

colicamente, e quando os ergueu de novo, foi para saudar gentilmente com o sabre, levando o punho aos lábios, o velho general que ia morrer.

Então um sorriso deslisou pelos lábios do moribundo, ao ver o major, enorme, barri-

gudo, a trasbordar da sella, limpando o suor com o lenço, soprando como um toiro sob aquelle sol obliquo, que o apunhalava. Depois a columna compacta e densa de soldados desenrolou-se na estrada, e os raios da aurora começaram a brincar infantilmente sobre as arestas das bayonetas.

O coronel dera uma ordem, e o som agudo de um cornetim dominou o cheiro formidável da banda. Quizera prestar as penúltimas honras militares ao velho general, que assistia á desfilada. A banda então teve gritos brutos, de uma arrogancia estranha, e no meio d'aquelle estrepito marcial, que inundava o campo, deslumbrada por toda aquella bella pompa guerreira, a alma do pobre velho dilatava-se insensivelmente, boiando como uma Ophelia sobre aquella torrente de notas.

A marcha triumphal alagara-se entanto, chegara á sua crise de sonoridade, gritava diabolicamente pelas bocas doiradas dos cornetins, por entre as pancadas satanicas dos pratos e os rufos entusiastas dos tambores. Tudo aquillo marchava n'uma impetuozidade admiravel, n'um arranque soberbo, cobrindo a estrada com as oscillações cadenciadas dos pelotões, que vinham chegando successivamente n'uma certa desordem de marcha, os cinturões lassos, as armas inclinadas, as bayonetas obliquas, por onde o sol escorria em borbotões, pondo no dorso d'aquelle reptil enorme, escamas relampejantes de ouro vivo. Mas ao passar diante do velho general, a voz secca dos officiaes fazia-se ouvir e as espingardas perfilavam-se a um tempo, os sabres baixavam-se. Oh! se visseis o velho então, meio debruçado na janella, os lábios frementes, as maçãs do rosto coloridas, os cabellos esparsos ao vento como flocos de espuma! Como elle estendia as mãos para os seus antigos soldados, como a sua ingenua alma de guerreiro lhe apparecia toda no olhar scintillante de entusiasmo! Como todo elle vibrava n'uma crise suprema e nervosa que o devia prostrar para sempre! O camarada já não chorava tambem, erguia bem alta a fronte, e Magdalena, ella propria, tinha não sei que entusiasmo no rosto, ante aquella bella e estranha scena, de um regimento saudando, em plena aurora, um velho quasi cadaver!

Entretanto a curva do muro da estrada continuava a vomitar fileiras após fileiras, que se

iam amontoando, formando ao longe uma massa densa onde o olhar não distinguia espaços. De subito, no meio de um pelotão, a bandeira appareceu palpitando, e quando passou por diante da janella curvou-se para o chão, saudando a morte. A marcha marcial ia diminuindo já de



CACIQUE RANQUELINO

(Vid. artigo de Buenos Aires á Pampa)



MULHER RANQUELINA

intensidade. Os sons chegavam abafados, dispersos pela aragem da manhã, que os baralhava em desordem. A frente do regimento engolphiouse no desfiladeiro e desapareceu. A columna de bayonetas doiradas pelo sol ia-se apagando gradualmente, ao entrar na zona da sombra projectada pelos outeiros, e os olhos do velho agarravam-se angustiosamente como naufragos

gões, as *Elegias*, são talvez as suas obras mais mimosas, onde a poesia do sentimento se eleva a um tom não ouvido até ahi, e para a historia do poeta e das suas relações com a sociedade do seu tempo, são documentos importantissimos bem como as outras obras mindas.

Abre esta edição por uma bella phototipia do quadro bem conhecido de Francisco Metrass — *Camões e o João na gruta de Macão*.

Um estudo acerca do poeta e das suas obras escripto pelo sr. A. de Sousa Pinto antecede os sonetos e não desdiz do assumpto, apesar de um ou outro equivoço ou inexactidão que se pode notar no seu conjuncto. O sr. Sousa Pinto mostra conhecer o assumpto que tratou.

É pena que os *Sonetos* fossem publicados sem rubricas nenhuma, nem notas, porque sem esses esclarecimentos, muitos são enigmas, e ha d'elles que por essa falta tem dado logar a asserções bem disparatadas, taes como algumas relativas ao soneto C.

Esta soberba edição, com que o *Gabinete portuguez de leitura de Pernambuco* se honrou, glorificando a memoria do grande poeta, é uma das mais bellas joias do poeta que somos todos nós.



MEDALHA COMMEMORATIVA DO TRICENTENARIO DE CAMOES

E DO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFICIO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO



áquelle pedaço de seda que ondulava ao vento como uma grande ave de azas fluctuantes, e que de subito como se mergulhasse n'um abismo, transpoz a orla de sombra e desapareceu para sempre.

Então como se esperassem por esse instante supremo, as forças abandonaram-n'o bruscamente; tornou-se horrivelmente pallido, e o seu corpo abandonado pela vida, descahiu de chofre para traz: um suspiro exhalou-se-lhe dos lábios.

Ao largo, para o norte, todos os rumores se extinguiram e apagavam-se os ultimos sons da banda marcial e o reflexo das ultimas bayonetas.

JAYME DE SEGUIER.

BIBLIOGRAPHIA

SONETOS DE CAMOES. — Demos conta da bella publicação feita pelo florescente *Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro*, como celebração do centenario de Camões,

hoje, occupar-nos-hemos da edição dos *Sonetos* de Camões, feita com o mesmo intuito pelo *Gabinete portuguez de leitura de Pernambuco*, instituição da mesma indole e natureza d'aquella, mas que não tem sido tão bafejada pelo favor da sorte, antes tem lutado com muitas difficuldades, apesar de merecer outro successo. Em breve daremos conta d'este benemerito instituto.

A edição é feita na *Imprensa portugueza* do Porto, cujos trabalhos são bem conhecidos do publico, e quando o não fossem, este e só producto bastara a collocar na primeira plana das nossas officinas typographicas. O primor da execução sobreleva a quasi tudo o que tem saído dos nossos prelos, e corre parelhas com os productos mais perfectos do estrangeiro.

Se os *Lusiadas* são a obra fundamental, a pedra de toque do engenho de Camões, os *Sonetos*, as *Can-*

ções, as *Elegias*, são talvez as suas obras mais mimosas, onde a poesia do sentimento se eleva a um tom não ouvido até ahi, e para a historia do poeta e das suas relações com a sociedade do seu tempo, são documentos importantissimos bem como as outras obras mindas.

Abre esta edição por uma bella phototipia do quadro bem conhecido de Francisco Metrass — *Camões e o João na gruta de Macão*.

Um estudo acerca do poeta e das suas obras escripto pelo sr. A. de Sousa Pinto antecede os sonetos e não desdiz do assumpto, apesar de um ou outro equivoço ou inexactidão que se pode notar no seu conjuncto. O sr. Sousa Pinto mostra conhecer o assumpto que tratou.

É pena que os *Sonetos* fossem publicados sem rubricas nenhuma, nem notas, porque sem esses esclarecimentos, muitos são enigmas, e ha d'elles que por essa falta tem dado logar a asserções bem disparatadas, taes como algumas relativas ao soneto C.

Esta soberba edição, com que o *Gabinete portuguez de leitura de Pernambuco* se honrou, glorificando a memoria do grande poeta, é uma das mais bellas joias do poeta que somos todos nós.

AVISO

É correspondente d'esta empreza em Paris, M.^{me} V.^{ve} Aillaud Guillard & C.^{ie} — Rue St. André des Arts, 47 — onde se recebem assignaturas para este jornal.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho 6